



O DISCURSO DA PERSUASÃO: VOZES E ECOS DE CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA

THE DISCOURSE OF PERSUASION: VOICES AND ECHOES OF PRESIDENTIAL CANDIDATES

William Dahmer Silva Rodrigues (UPF)¹

RESUMO

Neste trabalho, analisa-se a maneira pela qual os candidatos à Presidência da República mobilizam o seu dizer, a fim de persuadir e adquirir votos a partir da construção de um horizonte social. Para tanto, utiliza-se do construto teórico proposto por Bakhtin (2011) e (2014), sobretudo a respeito das quatro propriedades da palavra: pureza semiótica, neutralidade ideológica, implicação na comunicação humana e fenômeno acompanhante em todo ato consciente. Nesse sentido, ao serem perguntados “por que quer ser Presidente da República e o que é preciso mudar no combate à corrupção?”, cada candidato, em 45 segundos, projetou-se como candidato ideal a um possível eleitor, com o objetivo de convencê-lo. Como a palavra tem uma orientação em relação ao seu interlocutor, cada candidato buscou mobilizar um conjunto de signos disponíveis que pudessem se aproximar do discurso de seus eleitores, definidos assim pelo horizonte social, pelo prisma do meio social que engloba cada um. Diante disso, os presidenciáveis, ao se apropriarem da palavra, buscaram apropriar-se do outro, pelo outro e com o outro.

Palavras-chave: Horizonte social. Palavra. Discurso.

ABSTRACT

In this paper, one analyzes the way in which candidates for the Presidency of the Republic mobilize their speech in order to persuade and acquire votes from the construction of a social purview. For this, it is used the theoretical construct proposed by Bakhtin (2011) and (2014), especially regarding the word four properties: semiotic purity, ideological neutrality, implication in behavioral human communication and accompanying phenomenon in any conscious act. In this sense, when asked "why do you want to be President of the Republic and what must be changed in the fight against corruption?", each candidate, in 45 seconds, projected himself as an ideal candidate for a possible voter, with the aim of convincing he or she. As the word has an orientation towards its interlocutor, each candidate sought to mobilize a set of available signs that could approach the discourse of their voters, defined, thus, by the social purview, by the prism of the social environment that surrounds each one. Faced with this, the candidates, upon making use of the word, aimed to reach the other, through the other and with the other.

Keywords: Social purview. Word. Discourse.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, analisamos a maneira pela qual os candidatos à Presidência da República mobilizam o seu dizer, a fim de persuadir e adquirir votos a partir da construção de

¹ Graduando em Letras, Português-Inglês, e suas Respectivas Literatura. Bolsista Voluntário de Iniciação Científica (Pivic), sob orientação da Profa. Dra. Marlete Sandra Diedrich. E-mail: 151155@upf.br



um horizonte social. Para tanto, utiliza-se o construto teórico proposto por Bakhtin, em *Estética da criação verbal* (2011) e *Marxismo e filosofia da linguagem*² (2014), sobretudo a respeito das quatro propriedades da palavra – pureza semiótica, neutralidade ideológica, implicação na comunicação humana e possibilidade de interiorização (BAKHTIN, 2014) – e das questões relacionadas à construção de um interlocutor possível. Além dessas propriedades, a palavra é também definida, segundo Bakhtin (2011), como um território interindividual, isto é, sempre está em relação com três instâncias: o falante, as diversas vozes que ecoam em seu discurso e seu ouvinte.

O *corpus* deste trabalho são as falas iniciais dos candidatos à Presidência da República, durante o debate presidencial na RedeTV, ocorrido no dia 17 de agosto de 2018 disponível no canal do Youtube. O recorte consiste na fala dos candidatos Henrique Meirelles, Geraldo Alckmin, Ciro Gomes, Jair Bolsonaro, Álvaro Dias e Guilherme Boulos, diante da pergunta “por que quer ser Presidente da República e o que é preciso mudar no combate à corrupção?”.

Dessa forma, examinam-se, a partir do entendimento de que o dizer de cada candidato representa um elo na cadeia de comunicação discursiva, as tentativas que cada um realiza para se propor como candidato ideal, não corrupto, que é necessariamente diferente dos outros, projetando-se no outro, pelo outro e com o outro, isto é, dirigindo-se ao eleitor que ascende no seu discurso.

O presente artigo está estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo discute o entendimento acerca da ideia de persuasão, a qual advém da tradição retórica, e as noções de palavra e horizonte social propostas por Bakhtin em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2014), como também em *Estética da criação verbal* (2011); no capítulo posterior, mobilizamos as noções bakhtinianas, ao mesmo tempo em que analisamos o discurso de cada candidato à Presidência da República; ao final deste trabalho, tecemos considerações finais acerca do material analisado.

2 AS PROPRIEDADES DA PALAVRA

² Doravante *MFL*.



Neste capítulo, discutimos nosso entendimento acerca da persuasão, de horizonte social, como também das quatro propriedades da palavra. Num primeiro momento, o título deste artigo invoca noções essenciais: discurso e persuasão. Aquela comporta uma ideia, de acordo com Bakhtin (2014), de concretude da língua, de material verbal que se encontra no convívio social mais imediato. Esta carrega consigo uma tradição retórica que envolve argumentação, linguagem e, portanto, convencimento.

Fiorin (2014), em artigo a respeito da ideia de argumentação em Aristóteles, Anscombe e Ducrot, revela que, para os estudiosos franceses, a ideia de argumentação é um fato de língua; já para Aristóteles, a ideia é um fato de discurso. Dessa forma, de acordo com Fiorin (2014, p. 65), “os estudos do discurso devem herdar a retórica“, a fim de “descrever, com as bases dos estudos discursivos atuais, os procedimentos discursivos que possibilitam ao enunciador produzir efeitos de sentido que permitem fazer o enunciatário crer naquilo que foi dito“. Acerca disso, investigaremos como cada candidato mobilizou o seu dizer, a fim de fazer seu interlocutor crer no que foi dito. Como, neste trabalho, é incomensurável perceber o real efeito do que foi dito, analisaremos a maneira pela qual cada candidato projetou-se no discurso de um possível interlocutor.

A ideia de horizonte social proposta por Bakhtin (2014), sobre a qual acontece a criação ideológica, torna-se objeto essencial para o entendimento da impossibilidade de haver um interlocutor abstrato, ou seja, os sujeitos do discurso sempre dirigem seu dizer para um grupo de indivíduos que está socialmente organizado e que pode se identificar ou não com determinado assunto.

Antes de iniciar a análise, investigamos a noção bakhtiniana acerca das quatro propriedades da palavra, presentes em *MFL*. A pureza semiótica diz respeito à capacidade, à onipresença da palavra em todas as esferas sociais: ao invés de se referir a um domínio ideológico específico, a palavra é o “modo mais puro e sensível da relação social” (2014, p. 36). Na sequência, ao discorrer sobre a neutralidade ideológica, Bakhtin revela que os demais sistemas de signos são criados apenas para refletirem e refratarem um domínio específico; já a palavra “é neutra em relação a qualquer função ideológica específica” (2014, p. 37), ou seja, ela tem a capacidade de assumir uma função ideológica de qualquer domínio: científico, religioso, moral.



No que diz respeito à possibilidade de interiorização, a palavra pode funcionar como um “instrumento da consciência” (2014, p. 38), pois ela se torna um signo interior. De acordo com Stella (2013), a palavra é a única forma de conexão entre o conteúdo interior do sujeito – a consciência – e o mundo exterior, ambos constituídos por palavras. É por meio da interiorização e do confronto pelas palavras, entre sujeitos reais, que acontece a apreensão de palavras novas. Finalmente, em relação à participação da palavra em todo ato consciente, podemos dizer que a palavra anda com todo ato ideológico e participa de toda criação ideológica, o linguista enfatiza que “todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele” (2014, p. 38).

Para além de suas quatro propriedades, a palavra é também a *ponte* “entre mim e os outros” (2014, p. 117). É nesse território comum que a criação ideológica acontece. Em *Estética da criação verbal*, Bakhtin (2011, p. 327-328) aponta que a palavra

(em geral qualquer signo) é interindividual. Tudo o que é dito, o que é expresso se encontra fora da “alma” do falante, não pertence apenas a ele. A palavra não pode ser entregue apenas ao falante. O autor (falante) tem os seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também tem os seus direitos; têm também os seus direitos aqueles cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor (porque não há palavra sem dono). A palavra é um drama do qual participam três personagens (não é um dueto mas um trio).

A palavra, então, carrega consigo o falante, o ouvinte e as vozes que ecoam e ressoam no dizer de cada um. Aspecto este que será investigado na análise a seguir, a fim de perceber como cada candidato à presidência projeta-se no discurso, com a intenção de persuadir e convencer o eleitor. Destacamos, assim, que a análise não é neutra, uma vez que esta é feita por meio de palavras, que contêm vozes, posições, ou seja, é feita “através do prisma do meio social concreto que nos engloba” (2014, p. 116). Além disso, a palavra, de acordo com o pensador russo, é o “fenômeno ideológico por excelência” (2014, p. 36) e, por essa razão, faz parte do universo dos signos, cujos significados remetem a algo fora de si mesmos, tornando-os ideológicos.

Neste trabalho, o que torna possível que se estabeleça um confronto de ideias, um confronto entre consciências é o material linguístico, o qual assume um status de meio para se fazerem presentes as relações dialógicas. Esse confronto acontece entre sujeitos, que assumem



sua existência sob a forma de textos. Por isso, delimitamos o nosso trabalho ao nos ocuparmos com a presença dos sujeitos nos enunciados em análise. Não estamos fazendo uma análise sociológica, no sentido de perceber como as relações sociais acontecem em determinada época. Voltamo-nos para a análise de como determinados sujeitos, situados sócio-historicamente, que tem expressão e um juízo de valor formados, colocam-se nos textos. Isso significa que a nossa análise olha para o material linguístico, procurando estabelecer uma relação entre os enunciados. Certamente não podemos negligenciar a presença da situação social, pois, como sabemos, é ela que definirá o posicionamento de cada sujeito que se coloca no enunciado, uma vez que este é o elemento que tem contato mais direto com a realidade. Nesse sentido, no seguinte capítulo, ao mesmo tempo em que a análise é feita, são invocados os pressupostos teóricos bakhtinianos que estruturam este trabalho.

3 A PALAVRA: O EU E O OUTRO

Ao serem perguntados “por que quer ser Presidente da República e o que é preciso mudar no combate à corrupção?” (RedeTV, 2018), os candidatos, em 45 (quarenta e cinco) segundos, teriam de responder, de acordo com os mediadores do debate, objetiva e claramente acerca desses temas: corrupção e razões presidenciais. Por ser um debate televisivo, os candidatos responderam a todas as questões com a linguagem falada. Neste trabalho, transcrevemos as falas dos presidenciáveis, a fim de facilitar o entendimento do dizer de cada um. É importante dizer que não houve preocupação com marcação de fenômenos específicos que em geral marcam as transcrições, como aspectos fonológicos e conversacionais, uma vez que não se configura objetivo deste artigo analisar tais questões. Por isso, é possível afirmar que nosso trabalho de transcrição é livre, atendendo apenas ao propósito de registro escrito para fins de visualização mais efetiva do texto produzido, embora tenhamos clareza de todas as implicações teórico-metodológicas que permeiam um trabalho desta natureza, conforme explicitado em Diedrich (2017). Sendo assim, a seguir, encontra-se a transcrição do recorte analisado:



Entrevistador: Para começar, cada candidato terá 45 segundos para responder a uma mesma pergunta: por que o senhor ou a senhora quer ser Presidente de República e o que é preciso mudar no combate à corrupção?

(1) Henrique Meirelles: Boa noite a todos, boa noite a vocês, boa noite, candidatos. Muita gente não me conhece, eu nunca fui candidato à Presidência da República, eu não sou político, eu sempre trabalhei em empresas, e cheguei a presidente de um grande grupo financeiro sediado nos Estados Unidos. Eu decidi voltar ao Brasil e colocar os meus conhecimentos a serviço do povo brasileiro. O presidente Lula, então eleito, me chamou para ser presidente do Banco Central: lá criamos dez milhões de empregos. Depois, voltei para ser Ministro da Fazenda e corrigi a bagunça criada pela Dilma. Vamos trabalhar para criar milhões de [interrupção]

(2) Geraldo Alckmin: Olha, quero cumprimentar a equipe da Rede TV, cumprimentar a candidata e os candidatos, a você que nos assiste, dizer que o Brasil tem pressa. Quero ser presidente da República para no dia primeiro de janeiro apresentar reformas, retomar a atividade econômica. Estamos hoje com 27 milhões de pessoas sem emprego e é possível, sim, recuperar a economia rapidamente. Em relação ao combate à corrupção, tolerância zero, reforma política para poder melhorar o ambiente político, tipificar no código penal o reconhecimento ilícito e estabelecer a inversão do ônus da prova para parlamentares, agentes públicos, não provou a origem dos dinheiros [interrupção].

(3) Ciro Gomes: Boa noite a toda gente querida do Brasil, muito boa noite aos jornalistas Boris Casoy e Mariana Godoy e a nossa Amanda, boa noite aos meus ilustres opositores. Eu acho que o Brasil precisa mudar. Hoje, há 13 milhões de nacionais brasileiros, de patriotas brasileiros, como nós, desempregados, mais de 32 milhões empurrados para viver de bico e 63 milhões humilhados com o nome sujo no SPC. Isso tudo não precisava ser assim, por isso eu passei os últimos dois anos organizando um projeto nacional de desenvolvimento que consulta o melhor da inteligência, que tem respostas práticas para tudo isso e um dos capítulos desse projeto nacional do desenvolvimento, naturalmente, há de ser a mudança na legislação que permita ao Brasil ser mais eficaz, mais rápido, mais objetivo [interrupção].

(4) Jair Bolsonaro: Quero ser candidato à Presidência da República porque o Brasil precisa de um presidente honesto, patriota, que creia em Deus, e afaste de vez o fantasma do comunismo. Só há uma maneira de combater a corrupção em nosso Brasil: elegemos um



presidente de forma isenta, um presidente que não negocie Ministérios, Estatais, e bancos públicos, porque aí está o foco da corrupção, que tem levado o Estado, inclusive, à sua ineficiência. Por isso não temos saúde, educação e segurança, exatamente por causa das indicações políticas que têm que deixar de existir em nosso Brasil. Um presidente tem que escolher os melhores para compor o seu time de ministros.

(5) **Álvaro Dias:** Não é “por que”, é “para quê”. Para refundar a República, substituir esse sistema corrupto e incompetente que é a causa dos grandes problemas que estamos vivendo hoje no Brasil que provocam essa indignação popular sem precedentes. Refundar a República com reformas fundamentais para gerar dez milhões de empregos e fazer o país crescer, em média, cinco por cento ao ano. Com a operação Lava-Jato se institucionalizando, se transformando na nossa tropa de elite no combate à corrupção do país, que é certamente a causa maior dos danos causados à economia, ao emprego e ao salário.

(6) **Guilherme Boulos:** Boa noite, Mariana, boa noite, Boris, boa noite, Amanda, boa noite a todos candidatos e boa noite a você, que tá em casa. Talvez muitos estejam me vendo pela primeira vez. Eu sou candidato a presidente do Brasil, porque eu tô indignado como você. Política pra mim não é carreira, é desafio. Eu quero ser presidente pra enfrentar os privilégios, porque, hoje, o Brasil é como se fosse uma corrida de 100m, que alguns começam 60m na frente. Não dá mais pra ser assim. Eu quero ser presidente pra acabar com a esculhambação que virou esse sistema político e o toma lá da cá. E eu quero ser presidente pra tirar o Brasil da crise. Hoje eu vou apresentar propostas concretas de como nós vamos fazer isso. Propostas de quem tem coragem pra mudar o Brasil (RedeTV, 2018).

Num primeiro momento, a pergunta direcionada aos presidentiáveis parece transitar num universo de concordância indubitável: há corrupção no Brasil, uma vez que na pergunta “o que é preciso mudar no combate à corrupção” ressoa o discurso *o que é feito agora não funciona no combate à corrupção*. Diante dessa pergunta, nenhum candidato nega a ineficiência do combate à corrupção atual. O que se verifica, nas palavras de cada presidentiável, é um tipo de insatisfação, ou até mesmo uma negação ao sistema atual. Percebe-se, por exemplo, na fala de Henrique Meirelles, que se demonstra distante da política (nesse contexto, a partidária), ao dizer “eu nunca fui candidato à Presidência”, “eu não sou



político”, um distanciamento que o isenta desse *combate ineficaz à corrupção*, mesmo tendo sido Ministro da Fazenda até o dia 06 de abril, de 2018, durante o governo de Michel Temer.

Com isso, Guilherme Boulos, ao responder à pergunta, aproxima-se de Meirelles a partir do momento em que se projeta como um candidato desconhecido, revelando que essa pode ser a primeira vez que é visto publicamente. Dessa forma, ao pressupor ser desconhecido pelos eleitores, há maior necessidade de aproximação com seus possíveis interlocutores, a qual é feita pela projeção de um sujeito no discurso bastante indignado, irritado com o sistema político brasileiro atual, um sujeito que busca enfrentar privilégios. Ao contrário do candidato anterior, Boulos projeta-se ao eleitor como um candidato muito mais indignado, dizendo que sua escolha por presidir o Brasil advém da indignação e da vontade de tirar privilégios.

A palavra, então, por ser o “*produto da interação do locutor e do ouvinte*” (2014, p. 117, grifos do autor), orienta-se em função do seu interlocutor, funcionando como o elo que une o *eu* e o *outro*. Nesse caso, não há um *outro* definido, tampouco abstrato. Como aponta o linguista, não haveria linguagem comum caso houvesse um interlocutor abstrato. Quando o interlocutor real está ausente, projeta-se a imagem de um representante médio que pertence ao grupo social do locutor. Define-se, assim, um horizonte social, termo bakhtiniano que “determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito” (BAKHTIN, 2014, p. 116).

Os candidatos, nesse sentido, na impossibilidade de se dirigirem face a face com seus eleitores, supõem um *horizonte social* que determinará suas visões acerca do combate à corrupção no Brasil. Na fala de cada candidato, portanto, os ecos e as vozes de cada eleitor precisam ser presentes de alguma forma, seja ela feita por meio do discurso da indignação, da insatisfação, da salvação, da pressa.

Em relação ao último aspecto, o discurso que revela certa *pressa* é proferido por Geraldo Alckmin, ao dizer que *o Brasil tem pressa*, revelando que no primeiro dia de governo fará mudanças *rapidamente*. As palavras, aqui, que adquirem nova significação na situação social mais imediata, dão voz ao eleitor, sintetizado pela palavra *Brasil*, que *sente* pressa pela mudança, pela reforma imediata. Além disso, o candidato revela que as mudanças, que serão feitas rapidamente, uma vez que o Brasil tem pressa, não terão tolerância com a corrupção.



Da mesma forma, Jair Bolsonaro revela que o *Brasil precisa* de um presidente com atributos explicitamente definidos: honesto, patriota, que creia em Deus e afaste o fantasma do Comunismo. Com um discurso unilateral, de certa forma, o candidato contesta discursos, a partir de um inventário social de signos disponíveis, como *o comunismo está próximo, os outros candidatos são corruptos e não são honestos*. Ao elencar os atributos da única maneira de acabar com a corrupção no Brasil, Bolsonaro projeta-se ao eleitor como a única possibilidade de eficiência do estado. Possibilidade que sintetiza os problemas de educação, saúde e segurança pública na má escolha de representantes em ministérios e indicações políticas.

Na sequência, Ciro Gomes inicia sua fala revelando que *o Brasil precisa mudar e*, como recurso para se aproximar ao eleitor prejudicado pelo endividamento, fala a respeito do SPC (Serviço de Proteção ao Crédito). Ao dizer, em seguida, “hoje há 13 milhões [...] de patriotas brasileiros, como nós, desempregados [...]”, Ciro Gomes, busca atender os já empregados, como os não empregados, utilizando o pronome nós como forma de colocar-se explicitamente na relação do *eu* com o *outro*. Além disso, almeja maior confiança de seu interlocutor, também, ao dizer que consultou a maior das inteligências para esse tipo de proposta.

Em seguida, com posição distinta dos demais candidatos, Álvaro Dias propõe a refundação da República. Antes de dizer isso, o candidato corrige a entrevistadora, movendo o foco da pergunta na ação e não no motivo para ser presidente. Com isso, projeta-se no discurso como um candidato diferente, que fará mudanças drásticas no sistema político. Ao final de sua fala, Álvaro Dias revela que a operação Lava-Jato deve se tornar uma tropa de elite. Novamente, um discurso que mostra indignação e descontentamento em relação ao momento atual.

Diante disso, percebemos que nenhum candidato se opôs à ideia de que há corrupção no Brasil, mostrando-se, muitas vezes, indignado e insatisfeito. Em relação à pergunta, que foi respondida em 45 segundos, a mobilização do dizer de cada um mostrou-se semelhante, em certos aspectos: parte dos candidatos acredita que o Brasil *precisa* de alguém com atributos específicos, com habilidades que o atual Presidente da República não tem; outra parte, por ser desconhecida do público, tem de se apresentar e se projetar como um candidato fora do circuito político vigente, uma vez que essa qualificação, ultimamente, mostra-se como forte



recurso de persuasão, de convencimento; há também os candidatos que utilizam dados e estatísticas, os quais contribuem para maior veracidade na construção de uma imagem positiva de si para com os outros. Nessa questão, observamos que há forte dialogicidade nas palavras dos candidatos, pois a todo momento estão respondendo a um discurso, seja por meio de uma refutação, de uma reconstrução que discorda ou concorda com o que foi dito.

Acerca da noção dialógica, a situação social à qual os candidatos se submeteram permite que haja um confronto explícito de ideias, uma vez que estão num debate político, em que a relação dialógica de discordância predomina. O formato dos debates presidenciais, também, provoca os participantes, convidando-os a exporem suas ideias e concepções ideológicas acerca de determinados temas.

Com esse recorte, percebemos que cada candidato, ao pressupor um interlocutor possível, teve necessariamente de projetar-se no discurso, sob o prisma do meio social que implica na criação ideológica, a fim de fazer ressoar o discurso da maioria da população brasileira. Essa tarefa, no entanto, não é explícita na maioria das vezes, pois ela acontece a partir de traços linguísticos, que carregam os ecos de discursos anteriores, os quais geram certa aproximação com o eleitor. Os sujeitos do discurso que ascenderam no dizer de cada um revelaram que, mesmo não havendo um interlocutor real na interação entre candidato e possível eleitor, o modo de dizer de cada candidato mostrou a necessidade de supor um representante médio do grupo social que cada um pretendeu atingir.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos olhar para a maneira pela qual cada candidato mobiliza o seu dizer em função de seu interlocutor mais imediato. Como a palavra tem uma orientação em relação ao seu interlocutor, cada candidato buscou mobilizar um estoque social de signos disponíveis que pudessem se aproximar do discurso de seus eleitores, definidos assim pelo horizonte social, pelo prisma do meio social que engloba cada um.

A pergunta inicial dirigida para cada candidato, que foi respondida em 45 segundos, buscava responder, de acordo com os entrevistadores, a vontade de população: por que quer ser Presidente da República e o que é preciso para combater a corrupção. Quando a palavra encontra a realidade, torna-se enunciado, portanto, tem ecos de outros e adquire expressão



individual. Por outro lado, quando é considerada apenas uma palavra da língua, sua expressão permanece neutra, pois não há nenhum contato com o extraverbal. Diante disso, os presidiáveis, ao se apropriarem da palavra, buscaram apropriar-se do outro, pelo outro e com o outro.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16.ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

DIEDRICH, Marlete Sandra. Os registros da experiência da criança na linguagem: o ato enunciativo de transcrição. *REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM*, [S.l.], v. 25, n. 2, p. 711-737, mar. 2017. ISSN 2237-2083. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10587>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

FIORIN, José Luiz. Argumentação e discurso. *Bakhtiniana*. São Paulo, n. 9 (I), jul. 2014. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/17352>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

STELLA, Paulo Rogério. *Palavra*. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

YOUTUBE. *Debate presidencial na RedeTV!*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=99SmMo1XqzQ>>. Acesso em: 10 nov. 2018.